

LINGUAGEM E CONHECIMENTO: “JANELA” COMO METÁFORA DA CONDIÇÃO HUMANA¹

*LANGUAGE AND KNOWLEDGE: “WINDOW” AS A METAPHOR FOR THE HUMAN
CONDITION*

Maria Regina Johann

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, Brasil. E-mail: maria.johann@unijui.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2788-5967>

Paulo Evaldo Fensterseifer

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, Brasil. E-mail: fenster@unijui.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4914-5281>

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v1i2.19>

Recebido em: 24.09.2020

Aceito em: 13.11.2020

Resumo: Tomando a metáfora da “janela” como inspiração para pensar as possíveis miradas que a linguagem, em sua compreensão hermenêutica, propicia, o artigo reflete acerca da condição humana e suas possibilidades de conhecimento. Destaca a “janela da arte” como modo de acesso ao universo da sensibilidade e possibilidade de uma experiência radical de abertura a amplos e inusitados horizontes de sentidos ético-estéticos. Valendo-se de pesquisa bibliográfica permite concluir que “Janelas” nos permitem diferentes miradas, constituindo-se em modos de acesso ao mundo quando delas alçamos voos, nos permitindo novas miradas quando a elas regressamos.

Palavras-chave: Hermenêutica. Arte. Objetividade.

Abstract: Taking the metaphor of the “window” as an inspiration to figure the possible glances that language, in its hermeneutic understanding, provides, the article reflects upon the human condition and its possibilities of knowledge. It highlights the “window of art” as a way of accessing the universe of sensitivity and the possibility of a radical experience of opening up to wide and unusual horizons of ethical-aesthetic meanings. Drawing on a bibliographic search, it is possible to observe that “Windows” allow us different views, constituting ways of accessing the world when we take flights from them, allowing us to take new views when we return to them.

Keywords: Hermeneutics. Art. Objectivity.

¹ Publicado em sua versão original como capítulo da obra REZER, R.; BORTOLETO, E.J.; COSTA, M.Â.S. Educação, epistemologias e paradigmas emergentes: Festschrift a Ireno Antônio Berticelli. 1 ed. Chapecó: Argos, 2019, v.1, p. 83-101.



1 Introdução

A emergência do humano se confunde com a configuração de algo que podemos chamar “mundo”. Junto a isso a relação homem-mundo assume um caráter problemático, alternando situações de harmonia e conflito, de identidade e estranhamento. Ambiguidade sem resolução definitiva, o que faz com que nunca estejamos inteiramente em casa no mundo. Algo manifestado na posição nietzschiana de que a condição humana é a de uma ferida que nunca cicatriza.

Costumeiramente nos vemos “odiando o mundo” e buscando motivos para reconciliação. Necessitamos, arendtianamente, conservar, alimentar, nosso amor pelo mundo (*amor mundi*). Algo nada fácil em “tempos sombrios” em que suspeitamos da razoabilidade deste mundo humano. Nem se trata, depois das lições de Maquiavel, de buscar construir “um paraíso na terra”, mas apenas, modestamente, vislumbrar menores níveis de desigualdade e violência. Um mundo em que as apostas na vida tenham chances de superar a lógica mórbida da destruição.

Em uma poesia de Aureliano Figueiredo Pinto, denominada “Oração de Posteiro”, que descreve um personagem que vai visitar o túmulo de sua mãe, existe uma passagem em que o personagem diz: “[...] trago espichada e estendida/minha esperança de pobre,/ com medo que ela arrebente,/ venho te ver novamente/sobre este chão que te cobre.” Podemos pensar que nossa relação com o mundo, mais vezes do que gostaríamos, está “por um fio”, prestes a arrebentar. Nestes momentos precisamos buscar razões para recompor nossos laços com o mesmo.

Imaginamos que este *amor mundi* encontra “fios” para sua tessitura nas boas experiências que temos. Uma destas experiências é conhecer trajetórias humanas que, com ações e pensamentos, revelam compromisso com o mundo, com a vida, capazes de alargar nossas compreensões e nos contagiar. Mais ainda quando visualizamos a possibilidade de, pela conversação, pôr-se de acordo, sem que se apaguem as identidades e a pluralidade interpretativa que determinados temas sugerem.

Estabelecido esse pano de fundo que nos torna órfãos de uma normatividade metafísica, e, na ausência de um ponto arquimediano, de uma mirada celeste, conversemos sobre nossas miradas, nossas *janelas interpretativas* que temas como o da *Linguagem*, permitem.

2 Janela como metáfora da condição humana

O recurso à metáfora precisa ser antecedido da observação acerca de seus riscos. Abreviadamente podemos afirmar sua positividade quando potencializa o pensamento, quando abre possibilidades interpretativas, e, em sentido contrário, assume um caráter negativo quando, por excesso de sugestionamento, oblitera o pensamento.

De nossa parte a metáfora da *janela* tem nos estimulado a pensar muitas coisas, a começar pela condição humana. Uma das fontes inspiradoras para isso é a obra de Renée Magritte¹, a qual pictoricamente apresenta uma janela que permite visualizar cenas da natureza, as quais são representadas parcialmente em uma tela dentro de uma tela, sugerindo uma linha de continuidade e quebra entre a representação e a cena representada. Tudo isso, como destacado, em uma tela que tem por tema uma janela e que o pintor denominou sugestivamente de “A condição humana”. Acreditamos que a conjunção da obra e seu título nos convoca a pensar coisas do tipo: a janela

1 Disponível em <http://imagenscomtexto.blogspot.com.br/2009/08/magritte-condicao-humana.html> Acesso: 02/06/2016.

como *abertura* para o mundo, o qual nos apropriamos como representação, que é e não é o real, ou, é o real para nós², logo, podemos pensar que o real é sempre “apresentação”.

Então a janela, como abertura³, é meio de acessar o mundo, de ter um mundo, logo é possibilidade. E, por ser possibilidade, significa que existiriam outras possibilidades de acessar o mundo, de, por consequência, ter outros mundos. Ambiguidade que pode nos levar à conclusão de que a janela é possibilidade e limite. Aponta para a potencialidade de uma mirada e para a natureza parcial de toda mirada. Quem sabe isso nos dê uma pista do título da obra: “A condição humana”, e já nos poupa da “tentação do realismo”.

Parafraseando Vattimo⁴, poderíamos concluir que não existe mirada objetiva⁵, ninguém acessa o real senão por uma janela. Se abandonarmos as janelas para vermos como as coisas realmente são, não veremos mais nada. Em outros termos, nossa observação é sempre situada, devedora de *uma janela*, a qual funciona, usando outra metáfora, como lentes produtoras de sentidos. No caso das produções científicas, podemos pensar nas *janelas disciplinares* e, no interior destas, nas *janelas teóricas* (paradigmas, concepções, modelos...).

Também Palmer nos alerta para o caráter metafísico de qualquer realismo, quando escreve:

Falar do ser de uma coisa tal como ele ‘realmente é’, é entregarmo-nos à especulação metafísica: como ele é para quem? Não há nenhuma perspectiva humana a partir da qual possamos dizer o que o ser ‘realmente é’. [...] O sujeito compreende através do mundo partilhado da compreensão, já dado na e pela linguagem que utiliza, bem como do posicionamento histórico em que a sua compreensão se coloca (PALMER, 1989, p. 230).

Como observamos nesta passagem, o autor nos remete, voltando à nossa metáfora, a quanto nossa compreensão é devedora da *Janela da linguagem*. É sobre esta que desenvolveremos nossa próxima reflexão.

3 A janela da linguagem

Voltando à citação anterior e pensando na questão do conhecimento como tema deste texto, podemos de pronto afastar a possibilidade de “dizer o que o ser realmente é”. Se podemos nos referir à verdade de algo, temos que nos referir anteriormente, como faz Heidegger em *Ser e Tempo* (1988), de que “o lugar da verdade não é a proposição: uma proposição pode ser verdadeira quando ela se coloca dentro do sistema que a ciência é. Mas o lugar da verdade não é a proposição, e sim o Dasein, em seu caráter descobridor” (NUNES, 2007, p. 79).

Antes que alguém pense que estamos nos referindo ao *Dasein* como sujeito transcendental, cabe lembrar o seu caráter de *abertura*. Abertura que permite proposições acerca do ser subordinadas ao modo de operar das ciências (mas também de outros modos). Isso, porém, não deveríamos esquecer, carrega de modo subjacente sua condição de compreensão, a qual,

2 Daí quem sabe a expressão: “Cada um tem o Sócrates que pode”. Ou, “pensar com os meus botões”.

3 Lembremos que um modo de se referir às janelas e às portas de uma residência é caracterizada pelo uso desta expressão, “as aberturas da casa”.

4 Baseado em: “Não existe verdade objetiva em parte nenhuma; não há ninguém que veja a verdade sem ser com os olhos, e os olhos são sempre de alguém. Se quero arrancar os olhos para ver as coisas como realmente são, não vejo mais nada” (VATTIMO, 2002, p. 3).

5 O sentido de objetividade aqui rechaçado é o vinculado a uma possível relação sujeito-objeto transparente, totalizadora, a-histórica.

voltando a Palmer (Idem), está enredada em um mundo partilhado “[...] já dado na e pela linguagem que utiliza”, e, mais que isso, na dependência “[...] do posicionamento histórico em que sua compreensão se coloca” (Idem). Historicidade radical de um “ser” que se dá no “tempo” como linguagem. É o ser que se dá por esta “abertura” que é constitutiva do *Dasein*.

Voltando à metáfora da janela, é importante frisar que ela só poderia se “aplicar” ao *Dasein* por esse caráter de abertura, de “clareira do ser”. Lembrando, como faz Nunes (referindo-se à lição do professor Ernildo Stein), a necessidade de acentuar “[...] de que o *ai* se estende tanto do ser para o homem, quanto do homem para o ser” (2007, p. 85). Imaginamos, porém, que a metáfora poderia ser mais produtiva se vinculada à linguagem, o que demandaria uma ruptura com as concepções objetificadoras que os usos anteriores da metáfora podem sugerir⁶.

Pensar a linguagem como *janela* implica reconhecer, com Palmer (1989), que ela molda nossa visão e nosso pensamento; logo, a concepção que temos de nós mesmos e do mundo. Nela se dá o sentido do real. Constitui-se ela em “[...] ‘*médium*’ no qual vivemos, nos movemos e no qual temos nosso ser” (p. 20-21). Esse entendimento, que caracteriza a Hermenêutica Filosófica, redimensiona a questão do conhecimento, deslocando a questão da razão e da verdade do plano da relação sujeito-objeto, para o plano da linguagem (giro linguístico).

Esse movimento indica o problema da interpretação como central para pensarmos o conhecimento, o qual não é mais propriedade de uma consciência individual capaz de representação, mas tarefa intersubjetiva, linguisticamente mediada. Logo, não é uma *janela privilegiada* que permite validar o conhecimento, mas o “conflito de interpretações”, para falar com Ricoeur, que o “com-valida”.

A linguagem referida pela hermenêutica, em particular na interpretação de Gadamer (2004), não é “instrumento” ou “ferramenta”, dado que estes podem ser dominados e dispensados após o uso, sugerindo algo desprovido de linguagem (consciência, por exemplo) que lança mão deste “instrumento” e se desfaz quando julgar conveniente. Para este autor, “[...] em todo conhecimento de nós mesmos e do mundo, sempre já fomos tomados pela nossa própria linguagem. É aprendendo a falar que crescemos, conhecemos o mundo, conhecemos as pessoas e por fim conhecemos a nós próprios” (Ibidem, p. 176).

Cabe destacar que a linguagem é aqui entendida como o todo da compreensão, não promovendo qualquer tipo de hierarquização entre o verbal e o não verbal. Entendimento que permite pensar a linguagem para além da fala, assumindo um sentido amplo que abrange “toda comunicação” (ROHDEN, 2000, p. 162).

Ao lado de Humboldt, Gadamer sustenta que não há mundo humano sem linguagem, bem como não há humano anterior à linguagem, sendo esta “[...] humana desde o seu começo” (1999, p. 642). Aprender uma língua é, então, inserir-se em um mundo. Quando morre esta língua, *fecha-se uma janela*, uma possibilidade de mundo.

De acordo com Gadamer, “só compreendemos porque somos em meio à linguagem e tudo que compreendemos, por sua vez, também é linguagem. A linguagem é o que possibilita a existência de uma unidade entre ser humano e mundo, entre pensamento e coisa, entre sujeito e objeto [...]. As coisas sem a linguagem não possuem sentidos a serem compreendidos” (PEREIRA, 2014, p. 148). E o sentido, afirma Nunes, “[...] é aquilo em que se apoia a compreensibilidade

6 É como se nos referíssemos agora a uma dimensão que “atravessa” todas as outras. Que se refere aos limites das pretensões de objetividade, mas da qual pode emergir uma nova forma de pensar a objetividade e a própria ontologia.

de algo” (2007, p. 85).

Cabe lembrar que, antes de configurar-se em sistema, a língua dá-se na fala, no diálogo que configura o “mundo da vida”. Da mesma forma, os conceitos que orientam nossos entendimentos em comum não se autonomizam do mundo da palavra, atualizando seus sentidos nas trocas intersubjetivas que caracterizam seu “uso”, ou melhor, sua “vida promíscua”, como afirma Guimarães Rosa (1965, p.) nesta passagem:

A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa. Minha amante é mais importante para mim.

De acordo com Pereira, “compreender a mobilidade do sentido, ou seja, da formação de conceitos é, em última instância, compreender o próprio caráter de acontecimento da linguagem” (2014, p. 155-156).

Gadamer, referindo-se à influência sobre a linguagem do processo de estandarização científica e técnica, gerando certo nivelamento nas designações populares, lembra “[...] que em nenhuma língua viva jamais se alcança um equilíbrio definitivo entre a tendência à generalidade conceitual e a tendência ao significado pragmático” (1999, p. 633). O que certamente torna problemática qualquer pretensão última de distinguir essência e contingência no que se refere ao significado das palavras.

O reconhecimento do potencial de objetificação que a linguagem da ciência permite não deveria ofuscar a sua condição de *janela possível*, entre outras possibilidades relativas à sempre obscura e fascinante relação linguagem-mundo. Entre essas situa-se aquela que Gadamer elege como paradigmática para o desenvolvimento da experiência hermenêutica: a *janela da arte*.

4 Arte, *janela da sensibilidade*

A arte é mundo que nos permite acesso a uma verdade própria. Nele nos re/conhecemos, uma vez que ela faz parte da nossa própria configuração humana, se aceitarmos a perspectiva de que os homens e a arte são coetâneos. Por isso é plausível afirmar que a arte é linguagem estética, de alcance ontológico, que nasceu de nossa própria experiência de mundo, em nossa relação *pré-reflexiva* nele.

Ao seu modo, a arte nos diz algo! Sua essência vem da natureza poética que lhe é constitutiva, pois se origina da Poesia (Heidegger, 1990) e o poético permite um pensar “[...] que *não é razão* calculadora e *não é tecnológico*” (NUNES, 2007, p. 159). A natureza poética da arte é o que a legitima como linguagem estética, justamente porque, à sua maneira, ela compõe o conjunto de experiências do mundo humano. Essa especificidade lhe dá parentesco com o jogo, o símbolo e a festa e, assim, configura o mundo da vida dos homens sem estar vinculada a uma determinada utilidade (Gadamer, 2010). Por isso, diferentemente das coisas, dos instrumentos e dos utensílios, a arte é criação: um excesso, uma sobra, um luxo!

À sua maneira, a obra abre verdades ao mundo dos homens que vem ao modo de velamento e desvelamento do ser, uma vez que ela nos possibilita a recordação histórica bem como a sua própria atualidade, isso porque em nosso horizonte de sentidos a obra se atualiza e nos lembra de sua condição de *Ser no tempo*. O ser esquecido que a arte nos permite recordar,

que tem um alcance ontológico, é oriundo de um pensamento não representacional, explícito na arte e na poesia (Nunes, 2007). Nesse horizonte o ser que a arte desvela, poética e esteticamente, se dá através daquilo que lhe é próprio: algo que emerge no tempo/espço não objetificado da obra (Gadamer, 2010), ou seja, o pensamento poético.

A partir dessa especificidade, a verdade que a arte nos possibilita está relacionada à sua objetividade⁷ de constructo (plasticidade) e aos sentidos que carrega de sua própria tradição, que, tensionados ao horizonte do qual ela é trazida pelo intérprete, se atualizam. Assim, traduzido em perspectiva própria, o mundo da arte se torna conhecido e, por seu caráter poético, nos possibilita, ainda, um autoconhecimento. É nessa perspectiva que Gadamer (2010) observa que a experiência da arte jamais compreende apenas um sentido cognoscível; antes se abre à nossa compreensão, sendo, por isso, também um encontro conosco mesmo, uma autocompreensão, na medida em que o que ela diz “confronta-nos com nós mesmos” (Idem). Essa especificidade da qual a arte é constituída nos põe diante do estranho, nos dando a perceber que tudo nela excede ao cotidiano e, assim, “nada que conhecemos é ‘tão verdadeiro, tão assente’” (Ibidem, p. 7).

Nesse sentido, o encontro com a obra é sempre um acontecimento; é *a cada vez!* A cada encontro com a arte o encantamento e o assombro se recolocam porque a experiência com ela é uma experiência na linguagem poética que, por essência, é aberta. Por isso, a objetividade que a hermenêutica reivindica necessita ser levada em consideração, mas de forma que “[...] aquilo que se revela não constitui uma projeção de subjetividade, mas algo que atua sobre nossa compreensão quando se apresenta” (PALMER, 1989, p. 214), ou seja, algo se apresenta para além do esquema sujeito-objeto. Dessa maneira, “a experiência da arte é *experiência* em um sentido autêntico e sempre tem de dominar novamente a tarefa apresentada pela experiência: integrá-la no todo da própria orientação pelo mundo e da própria autocompreensão” (GADAMER, 2010, p. 7).

A especificidade da linguagem da arte é, por estas razões, a capacidade que ela tem de alcançar a própria autocompreensão e o faz na medida em que instaura um horizonte de cocriação. Desse modo, o que nos possibilita perceber não é algo fora do nosso mundo mas, antes, aquilo que nos vem de longe, uma recordação encharcada de história, de simbolismo e, por isso mesma, de dimensões éticas. Como linguagem e espaço mais amplo da experiência do sujeito, a arte possibilita que a humanidade do homem apareça mais, contribuindo para sua própria autoconsciência histórica, pois, conforme Palmer, “[...] num encontro com a obra de arte não penetramos num universo estranho, não saímos do tempo e da história, não nos separamos de nós mesmos ou do não estético. Antes nos fazemos mais presentes” (1989, p. 172). Neste contexto podemos imaginar que estar na presença da obra é estar na plena possibilidade de *abrir janelas* cujas paisagens desvelem a nós mesmos como coparticipes de suas histórias (seus temas).

Por tudo isso, a arte evidencia a nossa humanidade e não o contrário! Neste sentido, pensemos nela como linguagem estética e como uma *janela* que amplia a experiência do sujeito e das suas próprias linguagens. Um âmbito onde nós podemos cavoucar mais fundo nossa própria condição humana, uma vez que a arte não está estrangida pelas leis e pelo cognitivo instrumental. Antes, abre em nosso mundo *janelas simbólicas* de matiz estético que colorem e arejam noções de mundo, de humano, de indivíduo, de verdades, de tradições, de certo e de errado, de belo e de feio.

7 Diz respeito à sua objetividade histórica e à sua própria plasticidade (matéria/forma).

Por isso, inclusive, a arte permite o aparecimento do outro como uma alteridade consentida. Carregando, pois, o mundo em suas costas, ela lembra o que somos! Talvez nos diga: Tu és, também, o outro... O que estás em ti mesmo, a história, a cultura, a tradição, a tragédia ... Assim, na medida em que a arte situa-se, exige e cria para si mesma *infinitas Janelas abertas*, uma vez que, “[...] o ‘sujeito’ da experiência da arte, o que fica e persevera, não é a subjetividade de quem a experimenta, mas a própria obra de arte” (GADAMER, 2010, p. 175), e, pelo excesso de sentido que reside nela mesma, repousa a sua inescrutabilidade.

É nesse horizonte que entramos em seu jogo como o próprio modo de ser da obra de arte, pois as *janelas que se abrem* são espaços de jogo que o sujeito precisa preencher, jogando. É nessa dimensão que jogamos com ela; um jogo próprio que está longe de ser um brincar, pois, embora lúdico, possui suas próprias regras, comprometidas com a circularidade da criação poética⁸.

A afirmação de Gadamer (2010) “é isso que tu és!” evidencia que o que compreendemos na obra é, de certo modo, aquilo que na *imitação* do artista reconhecemos como também nosso. A compreensão que temos lembra que pertencemos ao mundo que a nós se desvela na obra. Essa é a noção básica de *mimese como geração de ordem*, que Gadamer recupera de Pitágoras⁹.

A presença de algo, traduzido no aparecimento de nós mesmos, que a arte possibilita na imitação (da natureza, do cotidiano dos homens, das coisas...), se dá pela sensação de ordem na totalidade, que ela nos proporciona¹⁰. A sua beleza é uma perfeição que nos permite a sensação de algo verdadeiro. E, nesse sentido a beleza se põe como uma garantia de que “[...] o verdadeiro não reside inatingível à distância [...]”, mas, antes, vem ao nosso encontro “[...] fechar o abismo entre o ideal e o real” (Ibidem, p. 156). Isso significa que a “verdade” que a arte tem para nós não consiste em uma legislação universal que se apresenta nela, mas no particular da experiência sensível que relacionamos com o universal (Ibidem, p. 157).

Talvez, por isso, a arte seja esse algo a mais que necessitamos, uma vez que ela enriquece nossa percepção de mundo. É no aberto da obra, portanto, que nos inserimos como intérpretes e, nesse âmbito, somos coautores na medida em que trazemos ao nosso horizonte a obra e preenchemos o espaço por ela disponível a nós mesmos, complementando-a ao modo de tradução própria. Somos coautores porque a obra requer a nossa participação no desvelamento do ser. Uma copresença que, além de histórica é, também, subjetiva.

Nesse sentido, a obra é “novidade radical; isto é, criação” (VATTIMO, 1996, p. 129). Assim ela apresenta-se como um espelho de nossa própria condição humana, reverberando, entre outras coisas, nossa história de homens. Nela cintila, pulula o que já fomos e, ao mesmo tempo, fica algo de não dito que nos permite pensar no que poderia ser.

No universo poético da obra presentifica-se o conjunto de tradições do mundo dos homens, por isso a arte é um patrimônio da humanidade e, também, uma experiência, poética, estética e ética, que se manifesta no cotidiano das pessoas. Pela abertura que é próprio dela é que a arte se atualiza, uma vez que mantém uma tensão entre passado e presente, permitindo, de

8 Conforme Heidegger (1990), a arte, a obra e o artista estão em uma circularidade autocriativa, um não existe sem o outro.

9 “[...] se devesse sugerir uma categoria estética universal que abarcasse em si as categorias inicialmente desenvolvidas da expressão, da imitação e do sinal, gostaria de me articular com o conceito arcaico de mimeses, com o qual não se tinha em vista outra coisa senão a representação da ordem” (GADAMER, 2010, p. 22). Nessa seção Gadamer está tratando da arte clássica e moderna e apresentando elementos para a ideia de que, mesmo na fragmentação e dissolução da forma naturalista, há um princípio de mimese.

10 Vem daí a vinculação do artista ao gênio, uma vez que ele possui a genialidade de imitar a natureza, na perspectiva de ser capaz de fazer algo tão perfeito quanto ela.

acordo com Gadamer (2010), atualizar em si novamente as ideias de um outro. Neste sentido a arte nos fala inclusive como tradição, “[...] a familiaridade com a qual a obra de arte nos toca é ao mesmo tempo abalo e derrocada do habitual. Não apenas o ‘É isso que tu és!’ que ela descobre em um espanto alegre e terrível – ela também nos diz: ‘Tu precisas mudar a tua vida’” (p. 8-9).

Nesse jogo, o apreciador não é mero espectador; é, antes, coparticipe, ou seja, ele precisa tomar aquilo que vê como algo compreendido; é desse modo que pode julgar a qualidade ou a falta de qualidade da obra, admitindo que algo “se encontra presente” (Gadamer, 2010). Dessa maneira, “[...] é a unidade hermenêutica que instaura a unidade da obra. Como aquele que compreende, eu preciso identificar. Pois aí se encontrava algo que julguei, que ‘compreendi’. Eu identifico algo como aquilo que ele foi ou que ele é e que não é senão esta identidade que constitui o sentido da obra” (GADAMER, 2010, p. 166).

Jogar o jogo da arte, abrindo suas infinitas *janelas*, é aceitar ser sugado “[...] para dentro do espaço de um mundo novo, alheio” (FLICKINGER, 2000, p. 33). Nisso reside a possibilidade de uma experiência radical de abertura a amplos e inusitados horizontes de sentidos ético-estéticos. A arte é, então, uma recordação “incômoda” de que “poeticamente o homem habita a terra” (Hölderlin apud Heidegger, 1990).

5 Considerações finais: a janela se faz porto

A constituição de uma perspectiva intersubjetiva, dialógica, implica “rebaixar” ao plano humano as potencialidades da “Janela do conhecimento”. Ela não corresponde a saída da caverna platônica, que nos aproximaria dos deuses – por ter acesso às ideias verdadeiras - mas às visões possíveis que a luz bruxuleante da fogueira, que acendemos e mantemos viva, nos permitem. Como se cada um por sua posição (janela) tivesse acesso a um aspecto do real a ser compartilhado com os demais.

Em uma perspectiva intersubjetiva, não se sustenta mais qualquer forma de racionalidade instrumental que não reconheça a dignidade dos sujeitos na produção de interpretações e alternativas aos problemas humanos. Em outras palavras, não há última palavra, daí que todo conhecimento, bem como toda intervenção, carregam os acertos e desacertos da condição humana. A hermenêutica assume esta precariedade, pois reconhece que sem os “corrimões da metafísica” só nos sobra a linguagem, e que isto não é pouca coisa, dado que as verdades humanas só podem estar na linguagem.

Trata-se de não aceitar nenhum princípio para além da linguagem, isto é, que não seja acordado na linguagem. Mesmo os fundamentos extraídos da religião e da ciência (naturais ou históricas) devem passar pelo crivo da opinião pública (*sensu communis*), quando têm pretensões normativas sobre determinado público. Nos espaços públicos vale a máxima de Lessing: “Que cada um diga o que acha que é verdade, e que a própria verdade seja confiada a Deus!” (apud ARENDT, 2008, p. 40).

Tomar a linguagem como traço constitutivo da condição humana (humano e linguagem são coetâneos), nos permite reconhecer o mundo humano como algo não derivado de um princípio (teológico ou epistêmico) externo ao plano da linguagem, mas que nela e por ela se constitui. Logo, as diferentes formas que esta assume (conceitual, corporal, artística...) não representam mundos, mas configuram mundos, nunca objetivados de vez, mas sempre passíveis de

ressignificações pelos sujeitos implicados nessas configurações. Entendemos que esta proposição, que se reconhece enquanto tal, seria mais razoável para vivermos em sociedades democráticas e republicanas, as quais não se desdobram de uma *epistème*, mas convivem com a pluralidade que advém da abertura da linguagem.

Essa forma de compreender o humano nos permite pensar, em cada contexto e sem determinismos, o lugar do trabalho, da cultura, da ciência, da tecnologia, dos modos de expressão e comunicação como condicionantes da configuração do mundo humano em sua pluralidade. Compreender isso permitiria aos estudantes reconhecer o caráter de construção da sociabilidade humana, potencializando o exercício de uma cidadania autônoma, na radicalidade instituinte de que ela é capaz.

Por fim nos vem à mente a imagem dos pássaros que da janela alçam voo para o mundo na busca de novas experiências, inclusive de pousar em outras janelas e experimentar outras miradas. Tal como afirma Gadamer, “a experiência perfeita não é perfeição do saber, mas abertura perfeita para uma nova experiência” (apud PEREIRA, 2014, p. 163, nota 51).

Parece-nos ser esta possibilidade que não nos deixaria cair no relativismo¹¹. Perspectiva que absolutiza as “janelas”, tornando-as entes metafísicos, prendendo os sujeitos aos limites das circunstâncias das experiências particulares.

A interrogação de Rohden parece alertar para este risco.

Para que serve a Filosofia senão para alargar os horizontes dos nossos olhos, para aguçar nossos ouvidos com relação aos outros, enfim, para espelhar, refletir e ampliar nossos sonhos e nossos projetos? Para que serve senão nos arrancar da frustração causada pela geografia, ou seja, pelo espaço? (apud PEREIRA, 2014, p. 163, nota 52).

Entendemos, por fim, que “espaço” (assim como “janela”) não é, ou não deveria ser, “prisão”, “sina”, “destino”, mas “porto de partida” e, se necessário, de regresso. Experiência sempre enriquecida pelos voos que realizamos e que só os realizamos porque reconhecemos a parcialidade de nossas miradas.

Referências

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.

FLICKINGER, Hans-Georg. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, Custódio Luis S. de; FLICKINGER, Hans-Georg; ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica*. Nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica da obra de arte*. Seleção e tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução Maria da Conceição Costa. Tijuca; RJ: Edições 70, 1990.

¹¹ Movidos pela preocupação em se afastar da “tentação do realismo”, podemos nos situar em outra perspectiva metafísica, o relativismo.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia*. O pensamento poético. Maria José Campos (Org.). Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007.

PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PEREIRA, Viviane M. O que significa linguagem para Gadamer? In: BOMBASSARO, L. C.; DALBOSCO, C. A.; HERMANN, N. (Orgs.). *Percursos hermenêuticos e políticos*. Homenagem a Hans-Georg Flickinger. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: Ed. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2014. p.144.

PINTO, Aureliano Figueiredo. *Oração de Posteiro*. In: CD Noel Guarany canta Aureliano Figueiredo Pinto, s/d.

ROSA, J. Guimarães. *Grandes entrevistas*. GUIMARÃES ROSA 2. Entrevista conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos. Janeiro de 1965. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/GuimaraesRosa-1965.htm>. Acesso: 15 maio 2016.

ROHDEN, Luiz. Hermenêutica e linguagem. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H.; ROHDEN, L. (Orgs.). *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 151-202.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Tradução João Gama. 10. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. (Coleção Pensamento e Filosofia).

SANTOS, J. J. P. A. dos. *Magritte: a condição humana*. 2009. Disponível em: <http://imagenscomtexto.blogspot.com.br/2009/08/magritte-condicao-humana.html>. Acesso: 2 jun. 2016.